



## O último Eça de Queirós na imprensa paulistana: nacionalismo e tradição\*

*The last Eça de Queirós in the São Paulo press: nationalism and tradition*

Cristiane Navarrete Tolomei\*\*

Universidade Federal do Maranhão

Bacabal, Maranhão, Brasil

**Resumo:** Trata o presente artigo de resultado inédito das publicações acerca do último Eça de Queirós (*A correspondência de Fradique Mendes* e *A ilustre casa de Ramires*, ambos de 1900, e *A cidade e as serras*, de 1901) nos periódicos de São Paulo intitulados *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil*, na primeira metade do século XX, período entre a morte do escritor português, em 1900, e as comemorações do centenário de nascimento de Eça, em 1945. De forma mais pontual, analisa-se como o projeto nacionalista dos periódicos paulistanos deram conformidade às leituras a respeito das últimas publicações do autor. A pesquisa à fonte primária ocorreu durante as visitas e consultas a três centros de referências: à Sala de Materiais Especiais da Biblioteca "Florestan Fernandes" da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo; ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) - USP, São Paulo; e à versão eletrônica do acervo de *O Estado de S. Paulo* pela página <http://acervo.estadao.com.br/>. Após a etapa de recolha de material, finaliza-se o levantamento do *corpus* e realiza-se a classificação do objeto de estudo, chegando ao seguinte resultado: nos 42 anos percorridos no periódico *Correio Paulistano* foram encontrados 34 textos; nos 50 anos percorridos no periódico *O Estado de S. Paulo* encontram-se 14 textos; e nos 18 anos percorridos no periódico *Revista do Brasil* foram encontrados 7 textos sobre o último Eça de Queirós.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós. Últimos Livros. Imprensa Paulistana. Nacionalismo. Tradição.

**Abstract:** This article deals with the unpublished result of publications about the last Eça de Queirós (*A correspondência de Fradique Mendes* e *A ilustre casa de Ramires*, both of 1900, and *A cidade e as serras*, of 1901) in the journals of São Paulo entitled *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* and *Revista do Brasil* in the first half of the twentieth century, the period between the death of the Portuguese writer in 1900 and the commemorations of the centenary of Eça's birth in 1945. More punctually, we analyze how the nationalist project of the periodicals in São Paulo conformed to the readings about the author's latest publications. The primary source research took place during visits and consultations to three reference centers: the Sala de Materiais Especiais of the Florestan Fernandes Library of the Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo; the Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) - USP, São Paulo; and the electronic version of the collection of *O Estado de S. Paulo* through the page <http://acervo.estadao.com.br/>. After the material collection stage, we completed the corpus survey and performed the classification of the study object and reached the following result: in the 42 years covered by *Correio Paulistano*, 34 texts were found; in the 50 years covered by *O Estado de S. Paulo* we found 14 texts; and in the 18 years covered by *Revista do Brasil*, we found 7 texts about the last Eça de Queirós.

**Keywords:** Eça de Queirós. Last Books. São Paulo Press. Nationalism. Tradition.

\* Pesquisa de pós-doutoramento com Bolsa CNPq/PDJ (2017-2018), realizada na Universidade de São Paulo, sob supervisão do Prof. Dr. Benjamin Abdala Júnior.

\*\* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Docente Adjunto III do curso de Letras na Universidade Federal do Maranhão, campus Bacabal; Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLB/UFMA/Bacabal) e docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCult/UFMA/ São Luís). E-mail: [cntolomei@yahoo.com.br](mailto:cntolomei@yahoo.com.br).

São Paulo é um palco de bailados russos.  
Sarabandam a tísica, a ambição, as invejas, os crimes  
e também as apoteoses de ilusão...  
Mário de Andrade

... Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita.  
A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim.  
E a favela é o quintal onde jogam os lixos.  
Carolina Maria de Jesus

1. Propõe-se, neste artigo, divulgar o resultado de pesquisa documental acerca das publicações sobre o último Eça de Queirós na imprensa paulistana da primeira metade do século XX denominados *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil*, os quais se destacaram no jornalismo das primeiras décadas do século passado em São Paulo, ganhando força do mesmo modo em outros estados brasileiros. De forma mais específica, verifica-se a contribuição dos periódicos supracitados na divulgação e reflexão em torno das últimas obras ficcionais de Eça de Queirós, *A correspondência de Fradique Mendes* e *A illustre casa de Ramires*, de 1900, e *A cidade e as serras*, de 1901, classificadas por Carlos Reis (2006), no projeto da edição crítica da obra queirosiana, como semipóstumas. Trata-se, inclusive, de observar como as publicações nos periódicos paulistanos abordaram a obra queirosiana pelo viés nacionalista, assim como, criaram um diálogo entre os livros do último Eça com a tradição, de acordo, obviamente, com os princípios jornalísticos do período em São Paulo.

Este estudo evidencia a dupla contribuição da imprensa paulistana na divulgação da vida e da obra de Eça de Queirós, a qual, de um lado, proporciona novas perspectivas acerca do último Eça de Queirós; e, por outro lado, oferece um conjunto de interpretações, condicionado aos interesses políticos dos jornais de São Paulo, para analisar a obra ficcional do autor português como proposta nacionalista e de valorização da tradição, leitura que seria revisitada por queirosianos brasileiros como Viana Moog, Álvaro Lins, José de Melo Jorge, Clóvis Ramallete, Cassiano Nunes, entre outros (TOLOMEI, 2014).

Quanto ao enfoque metodológico, a pesquisa se valeu do método documental e de campo dos textos publicados no *Correio Paulistano*, em *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil* durante a primeira metade do século XX acerca do último Eça de Queirós e, como todo levantamento de objeto de estudo em fontes primárias, a reunião do *corpus* se deu a partir de visitas e consultas a três centros de referências: à Sala de Materiais Especiais da Biblioteca "Florestan Fernandes" da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo; à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro; e à versão eletrônica do acervo de O Estado de S. Paulo.

O acervo da Sala de Materiais Especiais da Biblioteca "Florestan Fernandes", da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo que, desde 2005, com a unificação do Serviço de Biblioteca e Documentação, passou a funcionar como um espaço específico para pesquisas a atlas, mapas, materiais diversos (CDs, DVDs, fitas, discos), revistas e jornais, foram encontrados somente os números da *Revista do Brasil*: a sua primeira fase, de 1916 a 1925, com 113 números; a segunda fase, 1926-1927, com 9 números; a terceira fase, de 1938 a 1943, com 56 números; e a quarta

fase, em 1944, com apenas 3 números. No acervo há também as publicações da quinta fase, de 1984 a 1990, período fora da abrangência deste estudo.

A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, é um portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta pela internet. Lançada em 2006, ela integra coleções que, desde 2001, vinham sendo digitalizadas no contexto de exposições e de projetos temáticos, em parceria com instituições nacionais e internacionais. Nesse acervo, foram consultados os números publicados no *Correio Paulistano*, de 1900 a 1942, sendo que de 1900 a 1930, de forma ininterrupta, foram publicados em torno de 10.900 números; de 1930 a 1934 não circulou por questões políticas; e de 1934 a 1963 foi publicado com intervalos, chegando a publicar em torno de 2.900 números.

E, para finalizar, o acervo histórico e eletrônico de O Estado de S. Paulo, na página <http://acervo.estadao.com.br/>, que passou a disponibilizar todos os seus números digitalizados desde 4 de janeiro de 1875, quando ainda o jornal se chamava *A Província de São Paulo*. Nesse acervo, foram consultados aproximadamente 18.250 números, sendo o periódico mais longo e completo dentre os três.

Logo, esta pesquisa, serve como parâmetro, por intermédio da catalogação das publicações a respeito do último Eça de Queirós nos periódicos paulistanos em questão, para compreender como abordagens díspares, por vezes antagônicas, revelam e enraízam subsídios sobre o autor português e sua produção literária no Brasil. Além disso, a pesquisa sistemática dos jornais *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil* possibilita averiguar a linha editorial e o grupo intelectual em torno desses periódicos para entender como constituíram uma fortuna crítica queirosiana determinada por linhas de força que atuavam em São Paulo na primeira metade do século XX. Sobre isso, Tânia de Luca (2011, p. 2-3) ressalta que os periódicos “oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que, longe de esgotarem-se em si mesmas, dialogam intensamente com os dilemas do tempo”, ou seja, Eça na mira do intelectual paulista, nacionalista e conservador.

2. São Paulo surgiu no jornalismo nacional em 22 de setembro de 1823 com uma tipografia quase medieval e, recorrendo aos serviços dos amanuenses, lançou *O Paulista*, iniciativa de Antônio Mariano de Azevedo Marques (o Mestrinho). Segundo Oscar Pilagallo (2012, p. 17), *O Paulista* durou somente alguns meses talvez pelas “condições adversas decorrentes do isolamento da província” ou pelo fato de “os veículos de imprensa, mesmo editados na Corte, [serem] quase todos efêmeros”. Assim, mesmo com dificuldades, até meados do século XIX, aproximadamente sessenta jornais foram fundados em São Paulo.

Entre *O Paulista* (1823) e o *Correio Paulistano* (1854), só na Capital, circularam 64 periódicos, em geral de curta duração, mas servindo a dois propósitos: às correntes políticas em curso e à produção de uma literatura nacional. Seus editores e redatores, na maior parte, provinham dos bancos da tradicional Escola de Direito. Em 1875, formando seus quadros com ex-alunos, nascia o jornal *A Província de S. Paulo*, atual *O Estado de S. Paulo*, até hoje em circulação (LUCA, 2006, p. 25).

O primeiro grande jornal foi o *Correio Paulistano* fundado em 26 de junho de 1854, por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, o qual circulou ininterruptamente de 1854 a 1930, e depois, com intervalos, até 1963, sendo um dos periódicos mais duradouros do país na época, daí a relevância de visitar suas páginas. Ele foi importante para o surgimento de outros jornais tão fundamentais quanto ele como o *Diário Popular*, hoje *Diário de São Paulo*; *A Província de São Paulo*, atualmente *O Estado de São Paulo*; a *Folha de São Paulo*, formada a partir da união entre *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. Já na primeira edição do *Correio Paulistano* foi publicado o “Prospecto”, que apresentou a missão do periódico para os seus leitores.

O *Correio Paulistano*, que hoje começa sua carreira jornalística, vem, também, abrir uma nova era na imprensa desta província. Então, forçoso é confessá-lo, que a imprensa não tem correspondido por modo satisfatório à sua sublime missão. Por outro lado, os interesses reais da província, serão postos de parte, porque os interesses de partido têm tudo desnaturado e confundido. Nestas circunstâncias, entendemos fazer um importante serviço à nossa bela província publicando o *Correio Paulistano*, cuja missão é a de oferecer uma IMPRENSA LIVRE<sup>1</sup> (CORREIO PAULISTANO, 26 de junho de 1854, 1ª edição, p. 1).

Curiosamente a expressão em destaque “Imprensa Livre” está na contramão da propaganda liberal instituída como padrão entre os jornalistas do *Correio Paulistano*, uma vez que “convertia-se em órgão liberal, agasalhando atos oficiais dos republicanos” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 30). Todavia, nem sempre foi republicano, oscilando entre os extremos do conservadorismo e do abolicionismo, do liberalismo à modernidade. A respeito disso, Nelson Werneck Sodré (1977, p. 259) destaca: “Essas flutuações na orientação mostram como a longa existência de alguns jornais, entre nós, carece de significação”. Por consequência, o *Correio Paulistano* passou por quatro fases: a) Fase inicial; b) Decadência e retrocesso; c) Reorganização; e d) Consolidação e progresso.

A primeira fase do jornal começou em 26 de junho de 1854 e terminou em 14 de julho de 1855, atuando em meio a mudanças sociais, políticas e literárias, com a intenção de ser um jornal livre. Após um período de crise financeira, retorna somente em 1858, cedendo a interesses do Partido Conservador, resultando numa guinada na proposta inicial do jornal, perdendo prestígio entre seus leitores. Desse modo, nessa segunda fase do periódico, Joaquim Roberto de Azevedo Marques precisou do apoio do governo para manter a circulação de seu jornal e, por isso, aderiu ao conservadorismo. Desse modo, a partir de 1858, o jornal passa a ser diário, consolidando sua fase de reorganização.

Em 17 de janeiro de 1872, o *Correio Paulistano* voltou a nomear-se republicano, acompanhando o movimento que tomava conta do país, apoiando o partido Radical, formado por membros desligados do partido Liberal, anunciando manifestos de reconstituição política para a proclamação da República. Da mesma forma, a propaganda abolicionista também começava a ser veiculada no *Correio Paulistano*. Em 1882 é comprado pelo Barão de Iguape, ainda na “fase de reorganização”.

<sup>1</sup> As citações a partir do texto-base dos periódicos novecentistas foram atualizadas de acordo com a ortografia em voga na atualidade no Brasil.

A partir de junho de 1890 inaugura a chamada “fase moderna de consolidação e progresso”, pois o *Correio Paulistano* foi adquirido por um grupo de republicanos históricos, entre eles, Manuel Lopes de Oliveira, Victorino Gonçalves Carmilho, Jorge Ludgero de Cerqueira Miranda, Vladislau Herculano de Freitas, José Luiz de Almeida Nogueira, Carlos de Campos (editor-chefe por 25 anos), Luiz de Toledo Piza e Almeida, Wenceslau de Queiroz e Delphim Carlos, passando, então, o jornal a ser o órgão oficial do PRP (Partido Republicano Paulista) e, nessa posição, o *Correio Paulistano* permaneceu até 1955. Finalmente, em 1963, o periódico deixou de ser editado, após ter circulado por mais de cem anos. Nesse período, assumiu várias posturas políticas, já que sua “orientação editorial mudava na medida em que era acometido por crises financeiras, na mudança das circunstâncias políticas ou em decorrência da convicção de seus proprietários” (PILAGALLO, 2012, p. 33).

Além do *Correio Paulistano*, destacava-se também o periódico *O Estado de S. Paulo*, que surgiu em 4 janeiro de 1875, sob a direção do jornalista, político e jurista, Francisco Rangel Pestana, com o nome *A Província de São Paulo*. Esse periódico permaneceu com esse nome até 31 de dezembro de 1889, quando, devido à Proclamação da República, intitulou-se *O Estado de S. Paulo*. De acordo com Werneck Sodré (1977, p. 259), a criação de *A Província de São Paulo* foi o primeiro “esboço da imprensa industrial”. A essa época, a publicação era de 3.300 exemplares diários e havia mais de 2.000 assinantes, número significativo para o período. Em 1889, esse número se elevou a 4.500 exemplares. No ano seguinte, saiu a primeira edição com oito páginas e o jornal atingiu a marca de 7.000 exemplares. Dois anos depois, em 1892, atingiu-se a marca de 8.000 exemplares diários e, em 1897, essa quantia subiu para 18.442, com a cobertura da Guerra de Canudos sob os cuidados de Euclides da Cunha.

Nos primeiros anos do século XX, o jornal publicava entre 45.000 exemplares diários a 52.000. Todavia, a Primeira Guerra Mundial e seus reflexos sobre a importação de papel, diminuíram esses números para menos da metade, em 1918, quando foram impressos 25.000 exemplares. Grandes nomes do jornalismo brasileiro foram responsáveis pela redação do jornal nas primeiras décadas do século passado: Alfredo Pujol, Plínio Barreto, Paulo Duarte, Leo Vaz, Rangel Pestana, Júlio de Mesquita, Júlio de Mesquita Filho e Amadeu Amaral. Em 1926, *O Estado de S. Paulo* apoiou a fundação em São Paulo do Partido Democrático, de oposição ao PRP, então detentor do governo estadual e federal. Após 4 anos, o jornal apoiou a "Aliança Liberal" e a candidatura de Getúlio Vargas à presidência, em oposição a Júlio Prestes, o candidato oficial do PRP. Naquele momento, o periódico atinge a tiragem de 100 mil exemplares e lança aos domingos um Suplemento em Rotogravura, com grande destaque às ilustrações fotográficas. Enquanto isso, a população da cidade alcançava a marca de 887.810 mil habitantes. Em 1932, *O Estado de S. Paulo* e o Partido Democrático, inconformados com o autoritarismo de Getúlio Vargas e com o tratamento hostil reservado a São Paulo pelos "tenentes", formam uma aliança com alguns setores do PRP e articulam a Revolução Constitucionalista. A posição do jornal, da cidade e do estado de São Paulo é uma só: reivindicação de eleições livres e de uma Constituição. Em outubro, com a derrota dos

revolucionários, Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita foram presos pela ditadura e expatriados para Portugal.

No ano seguinte, no mês de agosto, Getúlio Vargas convida Armando de Salles Oliveira para ser o interventor federal em São Paulo. Armando Salles, que era genro de Júlio Mesquita (já falecido então) impõe como condição para aceitar o posto a anistia aos revoltosos de 32 e a convocação de uma assembleia constituinte. Vargas concorda e Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita, assim como dezenas de outros expatriados, retornam ao país. Mesmo derrotados militarmente os constitucionalistas alcançaram seus objetivos políticos.

Com mais de 130 anos de história, *O Estado de S. Paulo* teve inúmeros colaboradores por ter uma vinculação cultural muito relevante com os grandes investimentos na educação, como por exemplo, a fundação da Universidade de São Paulo. Assim, os proprietários do jornal contavam sempre com a participação de muitos intelectuais das mais diversas áreas como Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Paul Vanorden Shaw, Roger Bastide, Silveira Bueno, entre muitos outros. Além disso, havia escritores que também frequentavam a redação do periódico, os chamados “sapos”. A presença da literatura no jornal continua até hoje com o encarte especial conhecido como “Caderno 2”, criado na segunda metade do século XX.

Com uma proposta cultural e literária, a *Revista do Brasil* surgiu na redação do jornal *O Estado de S. Paulo*, por iniciativa do diretor Júlio de Mesquita, com o objetivo de discutir as questões nacionais. Entre 1916 e 1944, a *Revista do Brasil* reuniu em suas páginas os expoentes da intelectualidade brasileira como Olavo Bilac, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira e Graciliano Ramos, os quais se valeram do periódico para tratar de arte e debater assuntos nacionais em momentos decisivos da história. A longevidade da publicação chama a atenção em uma época em que as revistas literárias sofriam, por falta de leitores, o que o escritor Olavo Bilac definiu como o “mal de sete números”. Aparentemente imune, a *Revista do Brasil* teve 113 edições somente em sua primeira fase, de 1916 a 1925.

Embora desfrutasse de grande prestígio no meio letrado, a revista acumulava prejuízos financeiros e, em 1918, Mesquita decide vendê-la para Monteiro Lobato. O escritor transforma a publicação em ponta de lança para sua recém-criada editora e, em 1923, com a intenção de aumentar os negócios, Lobato aceitou o apoio financeiro de Paulo Prado, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna. Em troca, Prado passou a dirigir a *Revista do Brasil*, abrindo espaço para nomes como Mário e Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e Sérgio Milliet. Em 1925, após a falência de sua editora, Lobato vendeu a *Revista do Brasil* para Assis Chateaubriand. No ano seguinte, o periódico entrou em sua segunda fase, ainda marcada pelo conflito de poder entre conservadores e modernistas. Em 1927, a revista encerrou suas atividades e somente em 1938 Chateaubriand decidiu relançar a publicação com um novo papel: fazer oposição ao Estado Novo e defender os ideais da democracia. Dentro dos limites impostos por uma ditadura, a *Revista do Brasil* conseguiu articular um projeto antivarguista dirigido pelo historiador Otávio Tarquínio de Sousa e entre os colaboradores estavam Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Raquel de Queiroz e, mais uma vez, Mário de Andrade. Em

1943, o Brasil havia decidido entrar na Segunda Guerra ao lado dos Aliados. O Estado Novo agonizava e a terceira fase da *Revista do Brasil* terminava. No ano seguinte, Chateaubriand relançou mais uma vez a marca, dessa vez totalmente descaracterizada. Há ainda uma quinta e última fase, entre 1984 e 1990, em que a revista esteve sob o comando do então vice-governador do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro.

Mesmo entre idas e vindas, a *Revista do Brasil* tinha como cerne a propaganda nacionalista, mas, segundo Brito Broca (1960, p. 241), “esse nacionalismo não encerraria qualquer forma de hostilidade ao estrangeiro; nenhum propósito de isolar o Brasil da humanidade”. Em outras palavras, a *Revista do Brasil*, como projeto de propaganda nacionalista, não descartava a presença do estrangeiro, valorizando, sobretudo, autores europeus e norte-americanos. Aos escritores portugueses havia a seção “Letras Portuguesas”, sob responsabilidade de Lúcia Miguel Pereira, com 43 publicações ao todo e nomes como de Eça de Queirós, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Fernando Pessoa e outros eram figuras recorrentes no periódico.

Comungando praticamente os mesmos projetos político e ideológico, os periódicos *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil* também acompanhavam o ritmo de interesses empresariais que dava as diretrizes em São Paulo, especialmente, no século XX.

Em São Paulo, o crescimento do mercado potencial de leitores desafiava a imaginação dos empresários do setor. O Estado, que conheceu uma revolução demográfica a partir de 1880, contava com uma rede ferroviária ampla e eficiente, permitindo que os matutinos chegassem, no mesmo dia de sua publicação, a todo o território paulista e mesmo nas áreas circunvizinhas. Contudo, materializar essa demanda potencial em leitores e assinantes a ponto de transformar os periódicos em uma fonte de lucros e prestígio, pressupunha subordinar os produtos culturais a uma lógica de cunho empresarial (LUCA, 1999, p. 37).

Diante disso, entre atuação política, social e econômica dos três periódicos, encontra-se interligada a esses fatores a crítica literária, a qual foi amplamente acolhida pela imprensa paulistana e pelo público, entretanto, estrategicamente utilizada pela lógica do lucro e determinada por paradigmas econômicos e modelos simbólicos. Assim, a ideologia nacionalista, predominante no Brasil do início do século passado, foi patrocinada por interesses políticos e econômicos que determinavam o fluxo cultural e literário no país naquela ocasião.

Sobremaneira, recorrendo novamente à Tânia de Luca (1999, p. 104), “a construção da nacionalidade é encarada, desde os seus primórdios, como obra paulista”. Na verdade, estabelecia-se um pensamento da supremacia paulista que já caminhava desde o período colonial e atinge seu auge nas primeiras décadas do século XX. Desse modo, *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil* coordenavam o discurso histórico para anunciar como a história de São Paulo era base essencial para a nacional, formando um coro de vozes da paulistanidade para defender os interesses locais. Também foram responsáveis pela instrumentalização de fatores internacionais para beneficiar as propostas que defendiam.

3. São Paulo, da primeira metade do século XX, viveu as comemorações do Centenário de Independência, as manifestações da Semana de Arte Moderna, da chegada e da consolidação da industrialização, da imigração europeia, da revolução de 1932, do fim da República Velha e início na Era Vargas, além claro, de suportar duas guerras mundiais. Ou seja, a agitação, as incertezas e a busca por nacionalidade são um cenário conflituoso para receber a obra queirosiana.

[...] as primeiras décadas do século XX tiveram sua atenção quase que monopolizada pelas questões políticas e sociais: fissuras no interior da oligarquia; emergência do exército como força política; fortalecimento do movimento operário e de suas organizações; crescimento das camadas médias urbanas; enquanto as problemáticas associadas à história intelectual e cultural, quer em sua versão tradicional de uma história das ideias, que incorporando as novas abordagens inspiradas pela antropologia simbólica e pela teoria literária, permaneceram em segundo plano (LUCA, 1999, p. 23).

No cenário literário brasileiro entre pré-modernismo e o modernismo, de tensão entre a continuidade da tradição e a ruptura, a intelectualidade paulista do período vivia um ambiente de profissionalização, da constituição de um campo intelectual, do crescimento do setor editorial, da criação de ligas e partidos, da criação da Universidade de São Paulo, da proliferação dos periódicos etc. (MICELI, 1977; 1979). Embora, naquela ocasião de efervescência editorial, mesmo com o crescimento dos números de periódicos, aos intelectuais não foi possível dispensar a influência do Estado e, segundo Luca (1999, p. 28), “a presença do poder público nos mais variados setores, tendência que se acentuaria poderosamente nos anos 30, foi acompanhada pelo surgimento de uma elite burocrática recrutada [...] segundo critérios de competência atestados de diplomas universitários”. Ao mesmo tempo em que existia uma desqualificação estética por parte do movimento modernista em voga na época pela produção artística e literária do passado, há nos três periódicos paulistanos, *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil*, uma marca da tradição na retomada constante da literatura dos séculos anteriores, em especial, do século XIX.

Período de nacionalismo efervescente, houve um esforço constante por parte dos redatores dos jornais para entender os elementos nacionais e muito mais ainda locais, apontando caminhos para a valorização do país. Corroborando com essa afirmação, no número 1, de janeiro de 1916, da *Revista do Brasil*, o seu editorial revela as intenções nacionalistas, que resume o espírito daquela ocasião de transformações em São Paulo e no Brasil.

O que há por trás do título desta Revista e dos nomes que patrocinam é uma coisa simples e imensa: o desejo, a deliberação, a vontade firme de constituir um núcleo de propaganda nacionalista. Ainda não somos uma nação que se conheça, que se estime, que se baste, ou, com mais acerto, somos uma nação que ainda não teve o ânimo de romper sozinha para a frente uma projeção vigorosa e fulgurante da sua personalidade. Vivemos desde que existimos como nação, quer no Império quer na República, sob a tutela direta ou indireta, senão política ao menos moral do estrangeiro. Pensamos pela cabeça do estrangeiro, vestimos-nos pelo alfaiate estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira e, para coroar essa obra de

servilismo coletivo, calamos, em nossa pátria, muitas vezes, dentro de nossos lares, a língua materna para falar a língua do estrangeiro! (REVISTA DO BRASIL, 1916, n.1, p. 2).

Não se pode abandonar a concepção de que os três periódicos em questão pertencem ao grupo representativo do liberalismo político e econômico, tentando impor à sociedade seus valores e, ao divulgar a literatura, a ideologia do jornal não é deixada de lado. Desse modo, havia nos periódicos um constante esforço para defender as reformas liberais no campo da educação, da ciência, da política, da cultura e da literatura, isto é, nota-se um esforço modernizador para consolidar uma cartilha liberal, “cuja fidelidade fluía ao sabor das circunstâncias” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 25). São Paulo se destacava na busca pelo desenvolvimento, pela prosperidade econômica, por orientar diretrizes culturais e literárias, sendo a fórmula para “elevar o restante do país à condição de São Paulo, doravante cada vez mais identificado à nação” (LUCA, 1999, p. 298).

Naquele ambiente de consolidação da identidade nacional e (re)criação das próprias tradições no Brasil, em específico, em São Paulo, havia espaço amplo para o que vinha do estrangeiro, em outras palavras, dialeticamente comungavam a herança nacional e europeia no início do século passado. Sobre isso, Alfredo Bosi (1980, p. 341) afirma: “Em um nível cultural bem determinado, o contato que os setores mais inquietos de São Paulo e do Rio mantinham com a Europa dinamizaria as posições tomadas, enriquecendo-as e matizando-as”. Nesse sentido, com o advento do movimento modernista de 1922, a correlação do estrangeiro e do nacional permanece e a inteligência brasileira da época refletia como arraigar a duplicidade cultural, social e política em torno de uma identidade nacional, assimilando o pensamento estrangeiro à criação nacional.

Dentro desse cenário, de efervescência cultural e política, desponta Eça de Queirós nas páginas do *Correio Paulistano*, de *O Estado de S. Paulo* e da *Revista do Brasil* na primeira metade do século XX, recepcionado pela ideologia liberal dos jornais e por um público, em sua maioria, conservador. Destaca-se que é no início do século passado que os leitores brasileiros intensificaram a sua aproximação com a obra de Eça e os periódicos paulistanos se aproveitaram da curiosidade do leitor em relação à vida e à produção literária do escritor para divulgá-lo. Sobre o assunto, Benjamin Abdala Júnior (2000, p. 99) afirma que

Eça de Queirós radicou-se no Brasil, embora aqui não colocasse seus pés, através do poder de um subcampo intelectual renovador, formado nos inícios de nossa República. A atuação dos agentes críticos desse campo abriu-lhe as páginas dos jornais brasileiros e o escritor português veio a ter mais leitores no Brasil do que em seu país de origem. Esse fato se explica pelo entrecruzamento das expectativas do escritor e seu público-leitor, entre estes e os mediadores críticos.

Sumariamente, a recepção crítica de Eça no Brasil, na primeira metade do século XX, estava condicionada a três movimentos:

[...] o primeiro, crítica que visava explicar a literatura por meio de causas exteriores, identificadas com a vida do escritor ou como contexto social da obra (críticas biográfico-

psicológicas e sociológicas); o segundo, crítica que se propunha estabelecer e explicar textos, atentos às fontes e influências a que se sujeitassem as obras (crítica intertextual); e, por último, crítica que partia da fruição da leitura e da emissão de juízos de valor baseados na sensibilidade e nas impressões pessoais causadas pela literatura (crítica impressionista) (TOLOMEI, 2014, p. 192).

Circunscritas a essas correntes críticas, as publicações sobre Eça de Queirós nos três periódicos confirmaram o que em geral a crítica queirosiana especializada defendia, acentuadas ao movimento de conscientização nacional. Ademais, nos periódicos não havia uma pretensão científica que se propunha estabelecer e explicar a obra do escritor português, uma vez que, de maneira geral, detinham-se na fruição da leitura e na emissão de juízos de valor baseados na sensibilidade e nas impressões causadas pela literatura de Eça.

A respeito do último Eça, os periódicos paulistanos o caracterizaram como um apologista de um Portugal tradicional, encerrado em princípios nacionais, coadunando com a proposta burguesa de nacionalismo defendida pelos jornais. O autor, mesmo estrangeiro, faria parte da propaganda nacionalista como defensor das coisas locais, sendo divulgado como um instrumento de conscientização político-cívica. Entretanto, entende-se que com uma obra multifacetada e com novos contornos, Eça nunca abandonou nem nos primeiros escritos e nem nos últimos a atenção à realidade por um viés crítico. Segundo Carlos Reis (2000, p. 30-31):

As últimas obras de Eça, ou seja, *A ilustre casa de Ramires* (1900), *A cidade e as serras* (1901) (que tal como a publicação em volumes d'*A correspondência de Fradique Mendes*, em 1900, hão de considerar-se semipóstumos, por não terem sido inteiramente concluídas pelo escritor) revelam ainda traços da atenção que o escritor nunca deixou de consagrar à realidade envolvente; e, de novo, ultrapassada a rigidez programática dos anos naturalistas, a escrita queirosiana contempla elementos de natureza histórica, simbólica e mítica. De qualquer forma, não podemos ignorar que as escritas dessas obras finais – e também dos contos, das crônicas de imprensa e até das cartas que escreveu nos últimos dez de sua vida – ocorre num tempo de mudança ideológica: assim devemos considerá-lo, se confrontarmos esse último Eça com aquele que defendeu as posições do tempo (e mesmo depois) das Conferências de Casino.

O último Eça de Queirós é até hoje assunto de debate e, nas primeiras décadas do século passado, não foi diferente (TOLOMEI, 2019). Todavia, no *Correio Paulistano*, em *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil* o debate aparece encerrado, quando é reiterada a leitura do projeto estético do autor português conforme temas que constituíssem estratégias propagandísticas da camada dominante paulista.

4. De maneira geral, Eça de Queirós no *Correio Paulistano*, em *O Estado de S. Paulo* e na *Revista do Brasil* é veiculado como uma figura referencial para discursos políticos, modelo de escrita jornalística e literária a ser seguido, imagem solene em premiações e inaugurações, símbolo nacionalista, defensor do homem do campo, exemplo paternal, amigo dos paulistas e tantas outras adjetivações que impregnam as publicações dos periódicos de São Paulo com o objetivo de aproximar a vida e a obra de Eça de Queirós

com a dos leitores locais. Enaltece-se a visita dos filhos do escritor na capital paulista; publica-se, em forma de folhetins, *A Relíquia* e a tradução de *As minas do rei Salomão*; destina-se espaço de propaganda para a venda dos livros de Eça, esses estando entre os 10 mais vendidos na época; reverbera-se entusiasticamente a vontade do escritor português ter conhecido o Brasil; compara-se Machado e Eça, revelando-se, por muitas vezes, a superioridade do brasileiro, dentro da proposta nacionalista dos periódicos; censura-se os primeiros textos de Eça para o Ensino Básico, sobretudo, para as meninas; reitera-se a imagem de *dândi*; valoriza-se a vestimenta de Eça; revolta-se diante de agressões aos vários monumentos do autor no mundo; enaltece-se as publicações dos inéditos; e mais do que tudo, destaca-se o estilo de Eça. Todavia, isenta-o do fio irônico, social, político e crítico no conjunto orgânico de sua obra.

Do material levantado nos três periódicos em questão, chega-se ao seguinte resultado acerca das publicações do último Eça de Queirós na primeira metade do século XX: nos 42 anos percorridos no periódico *Correio Paulistano*, devido a momentos de interrupção de sua publicação, foram encontrados 34 textos; nos 50 anos percorridos no periódico *O Estado de S. Paulo* encontra-se 14 textos; e nos 18 anos percorridos no periódico *Revista do Brasil* (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> fases) foram encontrados 7 textos. Logo, nota-se a superioridade em número do *Correio Paulistano* para os demais periódicos e, mesmo o *Estado de S. Paulo* ter durado mais, suas publicações sobre o último Eça ficam bem abaixo do *Correio*. A *Revista do Brasil*, como teve uma existência menor e com um projeto extremamente nacional, publicou poucos textos sobre o último Eça.

No *Correio Paulistano*, os 34 textos sobre o último Eça foram distribuídos da seguinte forma: 1 na seção “Revistas Portuguesas”, 1 na seção “Letras e Letras”, 1 na seção “A leitura da semana”, 1 na seção “Livros Novos”, 4 na seção “Notas e Comentários” e 25 textos distribuídos no jornal sem uma seção definida.

Publicação	Jornalista/Colaborador	Seção/Título
18 de agosto de 1900, p. 1	Sem autoria	<i>Eça de Queiroz</i>
19 de agosto de 1900, p. 1	Sem autoria	<i>Eça de Queiroz</i>
19 de fevereiro de 1902, p. 4	Sem autoria	<i>Seção Revistas Portuguesas/Eça de Queiroz</i>
12 de dezembro de 1903, p. 1	Mascarenhas Galvão	<i>Eça de Queiroz</i>
13 de agosto de 1906, p. 4	Baptista Cepellos	<i>Um livro de polémica</i>
15 de junho de 1907, p. 1	Adolfo Araújo	<i>Gravatas</i>
14 de outubro de 1912, p. 1	Fontoura Xavier	<i>Literatura e diplomacia</i>
27 de setembro de 1913, p. 8	Gomes dos Santos	<i>Cartas a Victor</i>
2 de junho de 1914, p. 1	Gomes dos Santos	<i>A principesca aventura</i>
7 de novembro de 1915, p. 3	Abner Mourão	<i>Elogio do romance</i>
18 de setembro de 1916, p. 5	Sem autoria	<i>Seção Letras/Eça de Queiroz por Antonio Cabral</i>
30 de maio de 1919, p. 1	Simão Júnior	<i>Das Alterosas</i>
4 de fevereiro de 1921, p. 1	Otto Prazeres	<i>Um sucesso de erudição...</i>
17 de junho de 1924, p. 8	Sem autoria	<i>A obra póstuma de Eça de Queiroz</i>
1 de dezembro de 1925, p. 3	Ab.M.	<i>A obra póstuma de Eça de Queiroz</i>
19 de setembro de 1930, p. 2	Motta Filho	<i>Seção A leitura da semana/Eça de Queiroz</i>

		<i>nacionalista</i>
1 de dezembro de 1935, p. 4	Sem autoria	<i>Um perfil de Eça de Queiroz</i>
26 de junho de 1936, p. 9	Amadeus Mendes	<i>A mútua adoração dos escritores</i>
21 de agosto de 1937, p. 5	Gama e Silva	<i>O segundo Pacheco</i>
10 de novembro de 1937, p. 3	Abner Mourão	<i>Os primeiros frutos</i>
1 de junho de 1938, p. 4	Sem autoria	<i>Entendimento necessário e fecundo</i>
1 de janeiro de 1939, p. 11	Amadeus Mendes	<i>Um livro de Vianna Moog</i>
13 de julho de 1939, p. 8	Nelson Werneck Sodré	<i>Seção Livros Novos Caboclos</i>
26 de setembro de 1939, p. 4	Sem autoria	<i>A cidade e as serras</i>
23 de novembro de 1939, p. 4	Geraldo Mendes Barros	<i>História literária de Eça de Queiroz</i>
24 de dezembro de 1939, p. 18	D'Almeida Victor	<i>Conversa com Vianna Moog</i>
1 de março de 1940, p. 5	Sem autoria	<i>Seção Notas e Comentários Tipo literários</i>
10 de março de 1940, p. 15	Nelson Werneck Sodré	<i>Ainda o Eça</i>
2 de fevereiro de 1941, p. 5	Sem autoria	<i>O calor – assunto obrigatório</i>
6 de março de 1941, p. 5	Sem autoria	<i>Seção Notas e Comentários/Imaginação e expressão</i>
14 de março de 1941, p. 4	Sem autoria	<i>A cidade e as serras</i>
3 de setembro de 1941, p. 3	Sem autoria	<i>Seção Notas e Comentários/Eduardo Prado</i>
25 de janeiro de 1942, p. 3	Sud Mennucci	<i>Uma poesia de Eça de Queiroz</i>
16 de agosto de 1942, p. 4	Sem autoria	<i>Seção Notas e Comentários/Eça de Queiroz</i>

Quadro 1. Publicações acerca do último Eça de Queirós no *Correio Paulistano*, 1900-1942.

De acordo com o quadro, é possível notar que as publicações sobre o último Eça no *Correio Paulistano* ganharam fôlego nas décadas de 1930 e 1940, momento de efervescência crítica, acadêmica, cultural e literária em São Paulo, e também de livros sendo lançados sobre a vida e a obra de Eça e comemorações a respeito do centenário de nascimento do autor em 1945 (TOLOMEI, 2014). Por conseguinte, ressalta-se que o levantamento das publicações sobre Eça de Queirós ocorreu na “fase moderna de consolidação e progresso”, o que poderia resultar em textos menos conservadores, entretanto, nota-se a herança conservadora na forma como os colaboradores do jornal enalteceram mais o estilo do autor português e seu nacionalismo patriótico em detrimento da esfera ideológica proposta por Eça na organicidade de sua obra.

O *Correio Paulistano*, como pode ser observado nos títulos das publicações que tratam de maneira principal ou tangencialmente as últimas obras de Eça, valoriza questões biográficas, resenhas da crítica queirosiana especializada e breves análises ou notas sobre a obra final do autor.

Em *O Estado de S. Paulo* foram publicados 14 textos acerca do último Eça de Queirós, de 1900 a 1950, distribuídos da seguinte forma: 10 na seção que chamamos “Livres”, ou seja, sem seção específica; 2 na seção “De relance. Ciências, Letras e Artes”; 1 na seção “Debates e Pesquisas”; e 1 na seção “Curiosidades Biográficas”. Destaca-se que há um número considerável de publicações sobre Eça no jornal, mas pouquíssimas a respeito dos últimos romances do escritor português. Nenhum dos artigos aqui encontrados discutem exclusivamente o tema, mas tocam na questão tangencialmente.

Publicação	Jornalista/Colaborador	Seção/Título
3 de janeiro de 1904, p. 1	Jayme Cruz	<i>Seção Livre/Na primeira fase da vida literária de Eça de Queiroz</i>
6 de janeiro de 1904, p. 3	Jayme Cruz	<i>Seção Livre/Na primeira fase da vida literária de Eça de Queiroz</i>
8 de novembro de 1906, p. 4	José Maria d'Eça de Queiroz	<i>Seção Debates e Pesquisas/Os inéditos de Eça de Queiroz</i>
25 de janeiro de 1909, p. 1	Silvio de Almeida	<i>Seção Livre/Divagações</i>
15 de junho de 1916, p. 4.	Bettencourt Rodrigues	<i>Seção De relance. Ciências, Letras e Artes/Eça de Queiroz</i>
20 de junho de 1916, p. 8	Bettencourt Rodrigues	<i>Seção De relance. Ciências, Letras e Artes/Eça de Queiroz</i>
2 de setembro de 1945, p. 4	Raimundo de Menezes	<i>Seção Curiosidades Biográficas/Eça de Queiroz</i>
24 de novembro de 1945, p. 4	Abner Mourão	<i>Seção Livre/ A obra prima</i>
24 de novembro de 1945, p. 4	Américo Netto	<i>Seção Livre/O complexo de Ulisses na obra de Eça de Queiroz</i>
24 de novembro de 1945, p. 4	Sem autoria	<i>Seção Livre/Centenário de nascimento de Eça de Queiroz</i>
24 de novembro de 1945, p. 4-5	Afonso Schmidt	<i>Seção Livre/O jornalista</i>
27 de dezembro de 1945, p. 4	Wilson Martins	<i>Seção Livre/Centenário de um romancista</i>
20 de março de 1947, p. 4	João Gaspar Simões	<i>Seção Livre/Júlio Diniz e o realismo</i>
8 de novembro de 1947, p. 7	João Gaspar Simões	<i>Seção Livre/Eça de Queiroz e a Inglaterra</i>

Quadro 2. Publicações acerca do último Eça de Queirós em *O Estado de S. Paulo*, de 1900-1950.

Como é possível observar, a maior parte das publicações está situada na década de 1940, mais especificamente, entre 1945 e 1947, devido à comemoração do nascimento de Eça. As demais estão publicadas nos primeiros vinte anos do século passado, criando um vazio entre 1916 e 1944, sem nenhum texto sobre os últimos textos queirosianos, todavia, reitera-se que durante os 50 anos pesquisados no periódico, a recepção da vida e da obra do autor português é significativa e passível para outras pesquisas.

De maneira geral, destaca-se os nomes de dois colaboradores especializados em literatura, Wilson Martins e João Gaspar Simões, demonstrando a qualidade do jornal em relação à crítica literária. Também se destaca a carta do filho do autor, José Maria d'Eça de Queirós, solicitando que divulguem os inéditos do pai, fazendo algumas correções anteriormente divulgadas.

A *Revista do Brasil* evidencia-se pelo esforço da intelectualidade da primeira metade do século XX compreender o Brasil, buscando fundamentos, aspectos e singularidades do país e para isso transita por várias áreas do saber como a história, a sociologia, a política, a economia, a geografia, a biologia, a filologia, a gramática, a cultura, a educação e a literatura para explicar a nação. Segundo Tânia de Luca (1999, p. 34), nessa procura para entender o Brasil, a *Revista do Brasil* trazia colaboradores que “por meio da relativização e reinterpretção de matrizes provenientes do exterior, divisar um amanhã promissor para

um país mestiço e tropical que parecia fadado à incompletude”, era a proposta fundamental do periódico.

Na *Revista do Brasil*, o último Eça de Queirós não teve força, sendo somente publicados 7 textos distribuídos da seguinte forma: 5 no que chamamos seção “Livres”, por não existir uma seção especificada; 1 na seção “Resenha do Mês” e 1 na seção “Letras Portuguesas”.

<b>Publicação</b>	<b>Jornalista/Colaborador</b>	<b>Seção/Título</b>
Ano I, v.3, set./dez.1916, p. 414-416	João Luso	<i>Seção Resenha do Mês</i> <i>A obra educadora de Eça de Queiroz</i>
Ano II, v.4, jan./abr.1917, p. 481-497	Fialho d'Almeida	<i>Seção Livres</i> <i>Páginas Esquecidas. Eça de Queiroz.</i>
Ano IX, v.26, mai./ago. 1924, p. 360-362	José Maria d'Eça de Queiroz	<i>Seção Debates e Pesquisas</i> <i>Os inéditos de Eça de Queiroz</i>
Ano I (fase 3), n.2, ago. 1938, p. 190-193	Ramalho Ortigão	<i>Seção Pesquisas e Documentos</i> <i>Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão</i>
Ano III, n. 21, mar. 1940, p. 5-10	Silvio Rabello	<i>Seção Livres</i> <i>A propósito de “História Literária de Eça de Queiroz”</i>
Ano III, n. 24, jun.1940, p. 36-43	Clóvis Ramallete	<i>Seção Livres</i> <i>Eça de Queiroz romântico</i>
Ano IV, n. 37, jul.1941, p. 1-3	João Gaspar Simões	<i>Seção Livres</i> <i>Machado de Assis e Eça de Queiroz ou o Humor e a Ironia</i>
Ano V, n. 54, dez. 1942, p. 31-32	Sem autoria	<i>Seção Livres</i> <i>A existência real de Fradique Mendes</i>
Ano VI, n. 53, mar.1943, p. 112-114	Lúcia Miguel-Pereira	<i>Seção Letras Portuguesas</i> <i>Sem título</i>

Quadro 3. Publicações acerca do último Eça de Queirós na *Revista do Brasil*, 1916-1942.

Destaca-se na *Revista do Brasil* as publicações sobre as fases da obra queirosiana, Eça e a educação, a comparação da escrita de Machado de Assis e Eça de Queirós, a aproximação da obra com a vida do escritor, o enaltecimento de um Eça romântico e tradicional, resenhas de críticas queirosianas brasileiras e discussão em torno de textos inéditos de Eça que ganharam muita visibilidade no Brasil na primeira metade do século XX.

Nota-se, de acordo com a contextualização e resultados apresentados neste texto, que a imprensa paulistana durante a primeira metade do século XX foi um veículo condutor de ideias de determinado grupo desde o seu surgimento, tendo entre seus principais periódicos uma matriz liberal e conservadora. Voltados para a construção identitária de nação, claro, partindo do modelo paulista, os periódicos *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil* tratavam de assuntos diversos e impunham suas ideologias aos leitores. Para isso, a literatura surgiu como propaganda ideológica, política, econômica, comportamental e social nos três periódicos, e um dos instrumentos utilizados por essa tríade foi Eça de Queirós que, descrito nas palavras de admiradores,

foi (re)construído, questionado e adulterado em prol de um projeto nacionalista, o qual valorizava tudo e todos que defendiam as questões nacionais e, na medida do possível, correspondendo à tradição.

Para exemplificar como o nacionalismo e a tradição surgem na leitura da imprensa paulistana acerca do último Eça, destaca-se, como amostragem, na seção “A leitura da semana”, do jornal *Correio Paulistano*, a publicação do jornalista, advogado e professor Cândido Motta Filho, o qual era responsável pela coluna judiciária e da página literária do periódico, intitulada “Eça de Queirós nacionalista”, de 19 de setembro de 1930. Nessa publicação, Motta Filho apresenta como *leitmotiv* a significação do escritor em seu tempo e a relação de sua obra com leitores de diferentes épocas. Por exemplo, o jornalista pontua: “Camões de Almeida Garrett que pode ser interpretado o sentido, conforme o gosto de cada época. Não há um valor em si. Camões cientificista, da lei da evolução [...] Camões romântico e sentimental [...]” e afirma que Eça de Queirós “vai pelo mesmo caminho. No seu tempo, teve uma significação. Hoje tem outra completamente diversa” (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2). Isto é, segundo o brasileiro, é importante que ocorra a construção de sentido e um compartilhamento de convenções a partir do momento da escrita e da leitura, assim, o que estaria em jogo seria a relação de sentido determinada pelo autor, em suas diferentes fases de produção escrita, como também pelo leitor, o qual fornecerá uma significação ao texto conforme as da fases da leitura. À vista disso, Motta Filho ressalta que Eça de Queirós apresenta uma escrita irônica, determinista e transgressora no início da carreira literária, já que o instante (meados do século XIX) exigia essa postura dele no auge do movimento realista-naturalista em Portugal. Entretanto, com as mudanças circunstanciais em Portugal (*Ultimatum* inglês, declínio da monarquia e movimento republicano), no fim do século XIX, Eça modificaria sua linha de produção e passaria a gerir uma literatura de cunho nacionalista nas obras *A ilustre casa de Ramires* e *Correspondência de Fradique Mendes* (1900) e *A cidade e as serras* (1901) para valorizar as coisas locais. Sobre a primeira e a última fase da obra queirosiana, Motta Filho (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2) questiona:

Qual das duas a verdadeira? Penso que é a última, porque a verdade posterior sempre revoga a verdade anterior. E nós, hoje, principalmente os que dirigem o seu pensamento para uma ordem construtiva, seríamos insinceros se achássemos que o verdadeiro Eça de Queirós seria aquele desdenhoso e maledicente que acompanhava as noites de troça entre os onze vencidos da vida.

Chama a atenção no trecho a expressão “ordem construtiva”, que praticamente era um lema entre o jornalismo de São Paulo, uma vez que faz referência, na década de 1930, à fase construtiva do modernismo, com o fim da fase da demolição. Desse modo, seria naquele momento do Brasil, sobretudo, de São Paulo, que o último Eça de Queirós, interpretado pelo jornalismo paulistano, estaria afinado com a fase de “construção” a qual alude Motta Filho e para qual interessa colocar o autor português na proposta mais conservadora do *Correio Paulistano*.

O jornalista brasileiro, quando jovem leitor, admirava o Eça revolucionário, irônico e crítico dos primeiros romances, pois acreditava que foi necessário ao autor escrever

daquela forma no momento histórico e literário de Portugal no momento da escrita. Contudo, o leitor Motta Filho maduro, passou a conceber as primeiras obras literárias do autor com qualidades negativas, já que seu tempo de releitura da obra queirosiana o fez compreender de maneira diferente o primeiro Eça, passando, então, a considerá-lo “desdenhoso e maledicente”, “malicioso e perverso, mordaz e irônico [...] o Eça semituberculoso” (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2) e, contraditoriamente, demonstra um saudosismo jovial dos primeiros romances do escritor português: “Eça de Queirós era um crítico, um demolidor amável e que sabia, como ninguém, descarnar todas as hipocrisias. A sua mentalidade tinha aquele influxo democrático que imperava na Europa até 1900 [...]” (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2). Por conseguinte, numa crítica de zigue-zagues, Motta Filho expressamente cambaleando entre o tom amável e impetuoso coloca, por fim, a síntese do que para ele, leitor experiente, seria o primeiro Eça:

[...] era no fundo, um ignorante lúcido pelo verniz de uns passeios por Paris e Londres. Era uma figura que passara com o naturalismo [...] Era um desenraizado, um internacionalizado que destruíra [...] o nome de sua terra e que exaltava, como um pobre provinciano, as descobertas de uma civilização urbana. Querendo a nudez forte da verdade, chegava ao imoralismo e querendo a fantasia chegava à perversidade [...] (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2).

Destaca-se no excerto a concepção de Motta Filho de um Eça sem pátria e sem raízes, quando escreveu os primeiros romances, talvez pelo fato de o autor português ter morado em outros países ou pela forma como Eça criticou Portugal e suas instituições no começo da carreira. Porém, o que se tem como certeza é o projeto nacionalista aparecendo na leitura confusa do brasileiro ao apontar defeitos no primeiro Eça, já que para Motta Filho, o realista português não defendeu a pátria e acrescenta comparativamente que “em Herculano havia uma expressão nacional fortíssima, em Camilo havia uma expressão nacional fortíssima. Em Eça nada disso havia, porque ele era um malicioso” (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2).

Ao reler a obra queirosiana em 1925, Motta Filho passou a valorizar as últimas obras de Eça, sobremaneira, *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*, já que nelas Eça estaria integrado “no espírito de sua pátria, consciente de seu passado, da glória de seus avôs” (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2). Ou seja, Motta Filho enaltece os últimos romances do escritor português, pois eram modelares do que o crítico considerava um nacionalismo típico.

*A ilustre casa de Ramires* é o drama da consciência portuguesa, estropiada por uma geração intelectualmente envelhecida.

Nesse livro o amor pela terra toma aspecto batalhador [...] Gonçalo Mendes Ramires encontra-se com aquela mocidade do nacionalismo [...] E no final do romance, aquelas três figuras do Portugal português, tradicional e resistente a todas as corrupções, veem no Gonçalo a figura do Portugal [...].

Eça de Queirós compreende a sua terra, o culto de suas tradições e que está na alma do Jacinto em *A cidade e as serras*, ralado de saudades em Paris, saudoso dos horizontes familiares

[...] obra patente do nacionalismo orgânico e espontâneo (CORREIO PAULISTANO, MOTTA FILHO, 1930, p. 2).

Instrumentalizado como símbolo das causas nacionais, o último Eça de Queirós surge forte no *Correio Paulistano* como defensor da tradição e expressão máxima do nacionalismo. Assim, São Paulo, na contramão do regionalismo nordestino, o qual destaca a atraso econômico e social do país, retrata o otimismo patriótico. Em vista disso, a defesa pelos valores tradicionais na obra final de Eça ganha destaque na publicação jornalística, já que Motta Filho, mesmo elogiando o Eça da Geração de Setenta, valoriza a crescente atitude conservadora do escritor após a estabilidade pessoal na vida. Ademais, destaca as personagens de *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras* como representativas da tradição, isto é, força que mantém viva a identidade nacional. Logo, ao valorizar o lado nacionalista da obra queirosiana, Motta Filho antecipa, em 1930, leituras que darão continuidade a essa visada crítica em Viana Moog (1938), Álvaro Lins (1939), Cassiano Nunes (1947), entre outros (TOLOMEI, 2014).

O jornalista brasileiro compreende as últimas publicações de Eça num único ponto de partida: o caminho construtivo da tradição portuguesa, que retoma o saudosismo, por exemplo, de Gonçalo Ramires na construção da novela histórica “A torre de D. Ramires” em *A ilustre casa de Ramires*; e em *A cidade e as serras* a leitura superficial do elogio da vida no campo no interior de Portugal. Nesse sentido, a publicação de Motta Filho coaduna com a proposta da imprensa paulistana da época, especialmente no *Correio Paulistano*, o qual defende a base nacionalista, mesmo na literatura estrangeira.

Sem julgamentos mais severos, verifica-se na crítica literária de Motta Filho a ausência, intencional ou não, de considerar *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras* uma criação dialética, uma vez que Eça ao mesmo tempo que valoriza a tradição, a ironiza frente à nova ordem social de Portugal do fim do século XIX. Essa leitura somente ocorreria com Antonio Candido, em 1945, no ensaio “Eça de Queirós entre o campo e a cidade”, publicado no Livro do Centenário de Eça de Queirós, organizado por Lúcia Miguel Pereira e Câmara Reis, isto é, 15 anos depois da publicação de Motta Filho no *Correio Paulistano*.

Do exemplo a partir da publicação de Cândido Motta Filho é possível perceber o posicionamento conservador da crítica jornalística literária do *Correio Paulistano*, por não dizer da imprensa paulistana, diante da obra de Eça de Queirós. A valorização do grande artista, que teria se perdido no começo da carreira literária, mas encontrado o caminho no final por meio da tradição, reafirma a leitura crítica do período que, embasada no impressionismo e no biografismo, analisa a obra de Eça de acordo com o seu temperamento. Logo, há uma convergência crítica em relação ao que se produzia sobre Eça no Brasil na década de 1930 nos jornais e nos estudos de maior fôlego.

Privilegia-se a publicação de Motta Filho neste texto apenas como uma estratégia metodológica para viabilizar uma leitura da imprensa paulistana em larga escala, funcionando como uma espécie de metonímia da crítica sobre Eça de Queirós nas páginas do jornalismo de São Paulo, da primeira metade do século passado, para ilustrar a posição conservadora diante da obra queirosiana.

Por fim, afirma-se que o material coletado nos três periódicos contribui para a fortuna crítica sobre Eça de Queirós, destacando os diálogos e tensões suscitados acerca da vida e da obra do autor português, mas, ao mesmo tempo, deve-se prestar atenção ao olhar generalizante e redutor que algumas publicações demonstram, conduzidas por forças externas ao texto literário e ao que realmente propôs Eça no todo de sua obra.

5. Nota-se, neste estudo, que a imprensa paulistana, especificamente, os periódicos aqui analisados, *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil*, tornaram a obra queirosiana uma arma de propaganda nacionalista com base na construção identitária de nação aos moldes paulista de liberalismo e conservadorismo. São Paulo queria ser o centro do país, ser o “núcleo dinâmico da industrialização, [passando] a ser considerado ‘a locomotiva do Brasil’ [...]”. Com marca registrada da nacionalidade [...]” (LESSA, 2008, p. 255).

O projeto nacionalista em São Paulo era a ordem do dia, por exemplo, no manifesto-programa publicado na *Revista do Brasil* havia “o desejo, a deliberação, a vontade firme de construir um núcleo de propaganda nacionalista” (REVISTA DO BRASIL, v.1, n.1, 1916, p. 1), fortalecendo a consciência nacional, mas sem apagar a participação estrangeira na construção da nação brasileira. E foi nesse turbilhão de sentimentos e projetos de cunho nacionalista, no qual estava São Paulo, que Eça de Queirós irrompe para exemplificar como a atitude nacional e de amor à pátria supera a atitude maledicente e crítica do país.

Assim, os colaboradores dos três periódicos paulistanos cultivaram dados pessoais de Eça (seu nascimento, suas relações de parentesco, suas amizades, suas inimizades, sua posição social e econômica, seu casamento, sua esposa, seus filhos, sua morte) e análise de sua obra literária direcionada à valorização do estilo e de seu temperamento nacionalista da última fase, dando margem a elucubrações do público brasileiro, que tomou Eça, a partir daí, como patrimônio do país e porque não de São Paulo. À vista disso, com o auxílio da leitura biográfica da obra queirosiana, inaugura-se e fixa-se o caráter divisório da produção de Eça que aparece na imprensa paulistana como o contraditório entre o expatriado (da primeira fase) e o nacionalista (da última fase).

O último Eça é concebido pela imprensa paulistana como aquele que retomaria a tradição para a construção de um novo Portugal numa espécie de programa de nacionalismo, a qual seria utilizada, por uma parte dos jornalistas do *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *Revista do Brasil*, para propagar o ideal praticamente “romântico” de nação no Brasil. Essa leitura das últimas obras de Eça é apenas uma diante do quadro existente até o momento sobre elas, sempre com objetivos políticos e ideológicos por trás como aponta José Carlos Siqueira de Souza (2011, p. 24):

Uma das características mais comuns na crítica do último Eça é a tentativa de encaixar seus textos num dos enquadramentos doutrinários ou ideológicos do final do século XIX. Nesse sentido, ele foi categorizado como socialista utópico (à la Proudhon), socialista franciscano (cf. Cortesão), humanista (cf. Miguel Real), nacionalista (cf. salazaristas), decadente, belle époque etc. As formas assumidas por tais textos finais acabaram não sendo analisadas em si mesmas, ou então foram justificadas exatamente pela categoria escolhida pelo estudioso.

O último Eça se encontra entre duas linhas de força em São Paulo: uma que reconhecia a herança portuguesa na formação do Brasil; e a outra que endossava uma interpretação lusófoba da história brasileira. Assim, nota-se que Eça atua, como instrumento de propaganda nacional, na primeira linha, já que é reforçada a ideia do escritor como patriótico e, por isso, importante formador de opinião para o entendimento da construção identitária de nação.

Na Paulicéia Desvairada, o último Eça ganha muitas interpretações que requerem atenção, porém, para o momento, observa-se como as últimas obras foram utilizadas pelo jornalismo de São Paulo como propaganda nacionalista e de defesa da tradição romântica de nação, com base em interesses claramente políticos e ideológicos, por parte da intelectualidade, que estava alicerçada no liberalismo e no conservadorismo. Desse modo, para finalizar, cita-se a pesquisadora Beatriz Berrini (2000) na análise que realiza sobre *A ilustre casa de Ramires* e que, de certa forma, pontua a maleabilidade da obra queirosiana e seu mecanismo de espelhamento da sociedade portuguesa tanto pelo viés crítico quanto nacionalista.

Eça de Queirós, até o fim, não se separou da arte de combate [...] continuou fiel à tarefa que se tinha imposto, de mostrar aos compatriotas, como num espelho, a sociedade portuguesa contemporânea: nas vilezas do presente e no seu passado glorioso, que entretanto deveria ser avaliado com espírito crítico isento. Assim entendia ele o amor da pátria (BERRINI, 2000, p. 54-55).

Logo, Berrini ressalta que a obra queirosiana é um todo que se configura no remate do painel crítico do Portugal oitocentista com o qual o autor fizera um longo percurso desde os seus primeiros romances da década de 1870 até a data de sua morte, 1900. Em outras palavras, a imprensa paulistana da primeira metade do século XX interpretou e divulgou a obra de Eça de Queirós da forma como mais lhe interessava e servia naquelas circunstâncias de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais pelo qual o Brasil, sobremaneira, São Paulo, estava vivendo. Na verdade, lembrando a famosa crítica de Machado de Assis em *O Cruzeiro* (1878), quando ele analisa Luísa como um títere, verifica-se que essa mesma posição parece ser atribuída à Eça de Queirós na imprensa paulistana da primeira metade do século passado, como sendo um títere de jogos políticos e ideológicos, os quais anuviaram as reais intenções do escritor português em sua obra literária: esclarecer e fazer refletir sobre a realidade. E assim continua o grande palco paulista.

## Documentos

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1900-1942.  
O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 1900-1950.  
REVISTA DO BRASIL. São Paulo, 1916-1944.

## Referências

- ABDALA JR., Benjamin. Eça de Queirós, o realismo e a circulação literária entre Portugal e Brasil. In: \_\_\_\_ (Org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: SENAC, 2000, p. 89-117.
- BERRINI, Beatriz (org.) *A ilustre casa de Ramires – cem anos*. São Paulo: Editora da PUC, FAPESP, 2000.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CAPELATO, Maria H.; PRADO, M.L. *O Bravo Matutino. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- LESSA, Carlos. Nação e nacionalismo a partir da experiência brasileira. *Estudos Avançados*, São Paulo, 22(62), p. 237-256, 2008.
- LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: EDUNESP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: EDUNESP, 2011.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: EDUNESP, 2006.
- MICELI, S. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- REIS, Carlos. Para edição crítica das obras de Eça de Queirós. In: *Crítica textual e edições críticas: em questão*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2006, p. 69-116.
- \_\_\_\_\_. *O essencial sobre Eça de Queiroz*. Lisboa: Ed. Imprensa Nacional, 2000.
- \_\_\_\_\_. Leitores brasileiros de Eça de Queirós: algumas reflexões. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: SENAC, 2000.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- SOUZA, José Carlos S.de. *O romance-ensaio em Eça de Queirós: estudo crítico sobre A ilustre casa de Ramires e A cidade e as serras*. 2011. 250f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- TOLOMEI, Cristiane Navarrete. O último Eça de Queirós na crítica literária brasileira da primeira metade do século XX. *Revista de Estudos Literários*, Coimbra, 9(2019), p. 269-285.
- \_\_\_\_\_. *A recepção de Eça de Queirós no Brasil – Leituras críticas do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2014.

## Webgrafia

- ACERVO OESP. Disponível em: < <http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 2017-2018.
- HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 2017-2018.

Recebido em: 28/11/2019  
Aprovado em: 07/12/2019  
Publicado em: 19/12/2019